

COLÓQUIO

Letras

ANA LUÍSA AMARAL
ESCRITA NO FEMININO

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 212 Janeiro/Abril 2023

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 16 €

Assinatura anual (3 números)

42 € - Portugal

46 € - Especial*

60 € - União Europeia

70 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de obras de Ana Marchand)

IMPRESSÃO Greca

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

EDITORIAL

Celebraram-se em 2022 os 50 anos da publicação de *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, obra que pôs em primeiro plano a presença da autoria feminina na literatura portuguesa, pela sua qualidade literária, já destacada nesta revista, mas também pelo processo judicial movido pelo poder político às autoras, a que só o 25 de abril de 1974 pôs termo. A Ana Luísa Amaral se deveu, em 2010, a organização de uma edição anotada do livro das «Três Marias», na sequência do seu interesse pela literatura escrita por mulheres, e é justa a homenagem que lhe é prestada nesta *Colóquio/Letras*, meses depois de partir, deixando um vazio na poesia portuguesa contemporânea.

A revista dedica parte deste número a algumas das autoras portuguesas mais significativas da segunda metade do século xx. Falamos de Natália Nunes, Maria Judite de Carvalho, Maria Ondina Braga, Fernanda Botelho e Ilse Losa. Com linguagens e temas muito diversos, a presença feminina na nossa escrita de ficção entre as décadas de 50 e 70 constitui, sem dúvida, um contributo essencial para um olhar mais próximo e sensível sobre a realidade social deste período, a que — talvez pela emergência de uma nova literatura, surgida, já em democracia, a partir dos anos 80 — tem sido dada pouca atenção.

O conjunto de estudos sobre as cinco prosadoras complementa o destaque dado, por ocasião dos centenários, às obras de Natália Nunes, em 2021, e de Maria Ondina Braga, em 2022.

Nuno Júdice

SUMÁRIO

HOMENAGEM A ANA LUÍSA AMARAL

- 9 Da alegria na poética de Ana Luísa Amaral
Ida Alves
- 19 Maneira de ao desviar ser centro
Rosa Maria Martelo
- 25 Invariantes para o olhar diagonal
Isabel Pires de Lima
- 32 Próspero morreu?
Maria Irene Ramalho

ESCRITA NO FEMININO

- 41 Breve percurso sobre a obra de Natália Nunes
Teresa Almeida
- 50 Maria Judite de Carvalho: uma obra de matéria viva
José Manuel da Costa Esteves
- 59 Maria Ondina Braga e Clarice Lispector: uma data
e outros fios de escrita
Isabel Cristina Mateus
- 70 Entre os ecos da memória e a secreta solidão dos livros
Maria Graciete Besse
- 81 «Cinderela»: um texto inédito de Ilse Losa
Ana Margarida Ramos
- 91 Fernanda Botelho: uma herança
Fernanda Branco

FICÇÃO

- 105 *Ana Teresa Pereira*

POESIA

- 119 *Marta Chaves*

DOCUMENTO

- 127 Raul Brandão visto por Jorge Lima
apresentado por Vasco Rosa

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 137 Ler Maria Ondina Braga hoje
Maria João Reynaud
- 143 Cem anos de 'Paulicéia Desvairada'
Sérgio Alcides

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

- 155 *Imagens*, Luísa Freire
JOSÉ RICARDO NUNES
- 157 *Voltar*, Luís Filipe Castro Mendes
FERNANDO PINTO DO AMARAL
- 160 *Diamante*, António Carlos Cortez
CRISTINA ROBALO CORDEIRO
- 162 *Divisão da Alegria*, Raquel Nobre Guerra
IDA ALVES

FICÇÃO

- 164 *O Longo Braço do Passado*, Rui de Azevedo Teixeira
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 167 *Não Matarás!*, Teresa Martins Marques
RITA MARNOTO
- 169 *Floriram por Engano as Rosas Bravas*, Dora Nunes Gago
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 171 *Um Dia Lusíada*, António Carlos Cortez
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

TEXTOS AUTOBIOGRÁFICOS

- 173 *Diários e Escritos Autobiográficos*, Fernando Pessoa
MANUELA PARREIRA DA SILVA

CRÓNICA

- 176 *A Intuição da Ilha*, Pilar del Río
CARLOS NOGUEIRA
- 178 *Diário da Peste*, Gonçalo M. Tavares
PAULO RODRIGUES FERREIRA

EPISTOLOGRAFIA

- 180 *Correspondência entre Joaquim de Araújo e os Irmãos Ernesto e José do Canto*
MARIA DO CÉU FRAGA

TRADUÇÃO

- 183 *Cantigas*, trad. Richard Zenith
GRAÇA VIDEIRA LOPES
- 185 *Clepsydra and Other Poems*, trad. Adam Mahler
INÊS FORJAZ DE LACERDA

ENSAIO

- 187 *O Teatro Medieval e Seus Congêneres em Santiago de Compostela*,
Maria do Amparo Tavares Maleval
MÁRCIO RICARDO COELHO MUNIZ
- 190 *A Oficina de Camões*, José Augusto Cardoso Bernardes
PAULO SILVA PEREIRA
- 193 *Fernando Pessoa e Outros Fingidores*, Maria Irene Ramalho
JOANA MATOS FRIAS
- 196 *Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar*, Barbara Gori
HUGO PINTO SANTOS

LITERATURA DE MACAU

ENSAIO

- 198 *Ladrão de Tempo*, Carlos Morais José
DUARTE DRUMOND BRAGA

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

- 200 *Viagem ao México 3*, Horácio Costa
MARIA LUÍSA MALATO
- 203 *Arsenal de Vertigens*, Ronaldo Cagiano
MIGUEL MARTINS

ANTOLOGIA

- 205 *Seleta Erótica*, Mário de Andrade
MARLON AUGUSTO BARBOSA

com que desenvolve o itinerário interior de Paulo de Trava Lobo, o interesse dos perigos em que este se vê envolvido, e que nos permitem a observação de meios sociais tão fecundos como o dos cooperantes internacionais em África depois da Revolução, valem por si.

Esperamos agora com curiosa expectativa o terceiro volume desta saga que resolverá o terço final da vida do protagonista que parece glosar o último verso da estrofe 79 do Canto VII do épico — esse terço que se segue às aventuras de juventude e maturidade, primeiro na guerra de África e depois nas rasteiras silenciosas mas muito capciosas da Guerra Fria. Esse volume final parece ser o mais difícil de realizar, pois do homem de guerra e de letras que Paulo se mostrou ao longo dos dois primeiros terços da vida só restará porventura no fim, arrumada a «espada», o homem da «pena». Isto se interpretamos bem a legenda que o autor desde o início da saga biográfica de Paulo de Trava Lobo fez figurar por baixo do título de cada volume.

António Cândido Franco

[O Autor segue a antiga ortografia.]

Teresa Martins Marques

NÃO MATARÁS!

ROMANCE DE UM CRIME

Lisboa, Gradiva / 2022

As duas palavras que Teresa Martins Marques escolheu para título do seu livro afirmam-se como sùmula metafórica do intrincado e sinistro ardil que conduziu ao assassinio de Aldo Moro, a 9 de Maio de 1978: *Não Matarás!* Provém do Êxodo (20: 13 da *vulgata*) e de um conjunto de versículos que consagra a aliança primordial entre Deus e o povo de Israel. O para-

lelismo entre o plano do divino e o plano do terreno é sustido pela ordem social da pólis e pelo sistema de valores a que deve obedecer, conforme plasmados nos Dez Mandamentos. Aliás, a lei hebraica distinguia-se de outros códigos do seu tempo por um entendimento muito avançado do que é a justiça: a punição devia ser adequada ao crime.

Passando para a Itália de Moro, este *Não matarás* vale como mandamento, constitucionalmente consagrado, de um estado cuja religião era o catolicismo, segundo os Patti Lateranensi, firmados entre Benito Mussolini e a Santa Sé em 1927 (revisitos em 1984, etc.). Em 1978, o país era governado pelo Partido Democrata-Cristão, que tinha por presidente Aldo Moro, cabendo a Giulio Andreotti as responsabilidades de chefe do governo.

De modo instigante e sibilino, o repto fica lançado. As várias comissões de nomeação parlamentar, cujos relatórios a autora segue *pari passu*, nunca esclareceram cabalmente as circunstâncias em que Aldo Moro foi exterminado, e a Bíblia não era o livro das *Brigate rosse*.

O pano de fundo histórico do crime são os chamados *anni di piombo*, os anos de chumbo, ou seja, aquele período entre as décadas de 1970 e 1980 que deixou a sociedade italiana em carne viva. O *piombo* era o das armas que foram disparadas sobre políticos, magistrados, jornalistas, polícias, sindicalistas ou massas anónimas. Nas décadas de 1950 e de 1960, a Itália tinha vivido o seu milagre económico, mas a partir dos anos 70 o crescimento começou a abrandar, num país que descurara a organização do sector público. Foi nesse clima que nasceram dois terrorismos de sinal diferente, mas com muitas cumplicidades entre si, o terrorismo *rosso* e o terrorismo *nero*. Contudo, quando no final da década de 1970 a Guerra Fria atravessou um período menos crispado e as tensões

internacionais se atenuaram, foi-se abrindo um espaço de diálogo entre os dois maiores partidos italianos, a Democracia-Cristã (38,7% dos votos nas eleições de 1976) e o Partido Comunista Italiano (34,5%). Político e católico de matriz conciliante e de visões largas, Aldo Moro era o grande obreiro do *compromesso storico* que eventualmente levaria à participação no governo do Partido Comunista Italiano.

O romance organiza-se em 41 capítulos, habilmente encadeados por uma estratégia narrativa que visa a *captatio* dos leitores e das leitoras. A sequência dos factos confere à narrativa um ritmo empolgante, acentuando uma atmosfera indagadora que vai avolumando e associando, mais ou menos subtilmente, sucessivos entrecchos. Termina com um último capítulo dedicado «Ao leitor» (mas também à leitora, dir-se-ia), que explana a elaboração do livro, numa dimensão metanarrativa.

Aflora à transparência, nesse último capítulo, a Teresa Martins Marques estudiosa de literatura e cultura portuguesas, quando analisa algumas facetas da sua própria obra, classificando-a, muito justamente, como romance histórico. *Não Matarás! Romance de Um Crime* integra-se num filão literário de grande actualidade, que encontra um dos seus antecedentes próximos, da parte italiana, na recente biografia de Mussolini escrita por Antonio Scurati e vencedora do prémio Strega.

Subjaz a este livro um trabalho ingente de pesquisa e cruzamento de fontes documentais, testemunhos e pistas, que não raro foram manipulados ou falseados. Um nó histórico tão devastador como o assassinio de Moro propeliu uma maré de ensaios críticos, documentários e polémicas, materializada em milhares e milhares de páginas e horas de gravações. Para escrever este romance histórico, a autora cotejou todos esses materiais, guiada pelo empenho cívico de quem se propõe bata-

lhar pela verdade. Daí resulta uma trama em que se cruzam interesses da banca, de sectores corruptos do Vaticano, de organizações criminosas italianas e de poderosas redes internacionais vinculadas ao pacto do Atlântico Norte e à Democracia-Cristã, tudo isso sob a capa das *Brigate rosse*. Nesse cenário, a ficção é a metáfora que vem iluminar vazios e incongruências.

Considere-se a reconstrução da geografia dos lugares onde Aldo Moro esteve sequestrado e foi assassinado. O cubículo de Via Montalcini (muitas vezes indicado como local de sequestro) não ofereceria, a um claustrofóbico como Moro, condições mínimas de sobrevivência, o que levou Teresa Martins Marques a seguir as pistas que identificaram a sua transferência para uma casa no litoral do Lazio, aliás assinalada às autoridades, por Craxi, Prodi e outras eminentes figuras, como local do sequestro, mas nunca efectivamente inspeccionada. A partir daí, é criado um cenário de humilhações e ameaças, mas também de cumplicidades. Por sua vez, o corpo deixado no porta-bagagens do Renault 4 *rosso*, estacionado na Via Caetani, teria sido baleado, para a autora, em local não muito distante, uma garagem da Guardia di Finanza, entidade conivente com o crime. Os dois cabelos ruivos, um de 14, outro de 18 centímetros, que ficaram agarrados ao casaco escuro de Moro, são o rasto da ficção.

Há, de facto, várias alusões (Pietro di Donato, Paolo Cucchiarelli e outros) a uma jovem mulher de cabelos longos que participou no sequestro e da qual foi desenhado um retrato robô, porém loura. Desse vulto nebuloso e dos dois cabelos ruivos, Teresa Martins Marques faz sair o fio condutor da narrativa romanesca, ou seja, a personagem à qual atribui o nome de guerra Anna, e na qual se poderá de imediato reconhecer aquele perfil de mulher injustiçada, inteligente e combativa,

saída das páginas do seu primeiro romance, *A Mulher Que Venceu Don Juan*.

Numa obra em que inesperadas mudanças de voz e de ponto de vista mimam as dissonâncias das mediações da história, Anna, personagem de ficção dotada de várias faces e de várias máscaras, loura e ruiva, é o corpo em ferida dessa história. A infância de violência e pobreza numa Matera ancestral, e o modo como conseguiu chegar a Roma e foi cooptada por monsenhor Paolo Martelli para serviços sexuais e de transporte de dinheiro, não lhe turvaram a mente, bem pelo contrário. A personagem faz-se espelho de uma Itália que, apesar de desconjuntada, não denegou uma consciência cívica e ética. A infelicidade de nascer mulher, de ter sido estuprada e de logo em criança ter descoberto como se envenena um violador ensinaram-na a dizer reiteradamente: «Faço o que a minha consciência me mandar fazer» (41, 64). Através dela, a autora mostra como a mais aviltada das criaturas pode ser a consciência mais lúcida daquele covão de terroristas, a ponto de se tornar cúmplice de Aldo Moro, numa tentativa (falhada) de combater o sistema a partir de dentro. Anna é por isso o lugar diegético privilegiado da articulação entre história e ficção.

Personagem de charneira por excelência, é também o elo de ligação entre Itália e Portugal, o país para onde foge e onde passará o tempo mais feliz da sua vida. A cidade na qual o romance é escrito, Lisboa, é a mesma para onde Teresa Martins Marques a traz, a seguir ao crime. Quando os terroristas levaram Aldo Moro para a garagem da Guardia de Finanza em que foi baleado com uma *corona* de disparos à volta do coração, assinatura de um *killer* calabrés, Anna ia ao seu lado, disfarçada com uma cabeleira ruiva. Mas os seus cabelos, louros ou ruivos, naturais ou falsos que sejam, não são apenas os do relatório

de autópsia de Moro. Os cabelos deixados no casaco de Moro são da mesma matéria daquele cabelo loiro que denunciou a Condessa Luísa, no *Mistério da Estrada de Sintra*. Essa matéria é a metáfora romanesca que constrói a história.

Rita Marnoto

[A Autora segue a antiga ortografia.]

Dora Nunes Gago
FLORIRAM POR ENGANO AS
ROSAS BRAVAS

Prefácio de José Cândido de Oliveira Martins
Vila Nova de Famalicão, Húmus / 2022

A obra de Maria Ondina Braga, cujo centenário do nascimento se comemorou em 2022 (não será em 2032, como se supunha), é analisada em profundidade por Dora Nunes Gago no ensaio «Imagens e Paisagens em Maria Ondina Braga: Uma Cartografia da Identidade», integrado na colectânea *Uma Cartografia do Olhar*¹. A autora releva sobretudo o facto de Macau ter sido para Maria Ondina Braga «um lugar enraizado numa mitologia pessoal da autora, que nele se procura constantemente» (109).

Passando do ensaio para o conto, Dora Nunes Gago, que já publicara anteriormente obras quer de poesia quer de ficção, assume aqui a herança intelectual e pessoal de Maria Ondina Braga, paralelamente à de Camilo Pessanha (este mais no sentido estético), como sombra tutelar do seu próprio imaginário de mitificação do Oriente, sobretudo de Macau. A propósito dessa mitificação, cite-se um texto do autor genial de *Clepsidra* que, tendo nascido em Coimbra, viveu grande parte da sua vida em Macau, onde morreu em 1926. Dizia ele, ao chegar à ex-colónia portuguesa, numa carta para Alberto